

CINECLUBE, PIBID E FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS CURRICULARES OUTRAS NO AMBIENTE DA EJA

Autora (1) Ana Cláudia de Macena Freitas D'Estillac Leal; Co-autora (1) Priscila Francisca dos Santos Oliveira; Orientadora (1) Cláudia Miranda

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
E-mail: cch_educacao@unirio.br

Resumo: O presente trabalho visa apresentar as vivências de um cineclube voltado para estudantes da EJA de uma Escola Estadual de ensino médio, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é propiciar discussões sobre o cotidiano escolar, ambiente social, político e econômico ao público da EJA, através de exibição de filmes seguido de debates, visando auxiliar na formação intelectual, crítico e pessoal dos/as estudantes. O *Cine Clube* trabalha na inclusão de um “debate outro” que parte das representações sociais construídas por nós, os/as bolsistas e ao mesmo tempo, pelos/as estudantes. Para desenvolver este estudo, adotamos a pesquisa etnográfica como metodologia, isto é, através da imersão no ambiente ao qual atuamos, fazemos nossas ações e intervenções. Esperamos que a experiência com a linguagem cinematográfica e os diversos temas discutidos e explorados, através da mesma, possam suscitar questões que possibilitem uma formação crítica e emancipatória dos sujeitos da EJA. Acreditamos que a criação de um espaço de diálogo entre a cultura cinéfila e a educação, suscitando práticas curriculares outras, seja uma importante ferramenta na construção da consciência crítica dos estudantes. Como educadores em formação, as vivências do cotidiano escolar são, para nós, de extrema importância. Podemos desta maneira, fazer uma 'ponte' entre a Universidade e a Escola, trazendo, através destas relações e diálogos entre ambas, práticas pedagógicas críticas. Procuramos, a partir disto, viabilizar um espaço de livre debate que valoriza a fala do estudante e a coloca como protagonista, primordial na construção e direcionamento das ações vivenciadas no projeto.

Palavras-chave: EJA, CINECLUBE, PIBID, CURRÍCULO, PAULO FREIRE.

Introdução

O presente trabalho tem por intenção discorrer sobre as vivências e reflexões geradas pelo projeto Cine Clube que pertence ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UNIRIO. O programa introduz o aluno de licenciatura à docência ainda durante a sua formação acadêmica. É importante citar que o PIBID é o maior programa de formação docente do Ministério da Educação (MEC) e teve sua interrupção (de forma temporária) no início de 2018.

Apresentaremos aqui, um segundo momento do projeto, no qual iniciamos um trabalho com a turma da EJA na escola de ensino médio no centro do Rio de Janeiro (*Escola do Centro*). Nossa práxis é marcada pela ação dialógica entre os bolsistas, estudantes e coordenações. Desta forma, analisamos o processo de como o projeto foi se delineando durante o caminho percorrido.

Os resultados alcançados são frutos de análises de tensionamentos, enfrentamento e conquistas experimentados durante o percurso aqui apresentado. Esta elaboração nos provoca a prática de pedagogias outras que vão além do que é aprendido nas cadeiras da universidade, que nos levam a construção de nossa identidade docente. Evidenciando a importância do PIBID como um projeto que traz ao licenciando autonomia em sua prática como docente em formação, dando ao mesmo a possibilidade de transformar o ambiente escolar e ser também transformado por ele.

Temos como base a leitura freiriana, entendendo que é nas relações (não autoritárias) que a aprendizagem deve se dar. Buscamos a centralidade na “fala e escuta” de todos participantes do projeto, sejam estudantes da EJA, sejam bolsistas e coordenadores, assim temos como escopo a realidade a nós apresentada, que em muitos momentos se mostram em falas de urgências. Desta forma, juntos nos empenhamos a reinventar a escola, ressignificar espaços e desestabilizar relações de poder.

A experiência em questão relata, também, a construção de identidades docentes de graduandos do curso de Pedagogia da UNIRIO, inseridos no projeto *Cine Clube*. O projeto foi abraçado pela *Escola do Centro*, que foi grande contribuidora para a consolidação da proposta retratada.

A escola: espaço privilegiado do saber

O PIBID é um projeto criado em 2007, no governo Lula (2003-2010), com o intuito de contribuir na formação docente das/os estudantes dos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior (IES), fazendo uma ponte entre a Universidade e a Escola. Propicia, através destas relações e diálogos entre ambas, práticas pedagógicas críticas. Assim, ainda enquanto estudantes, conseguimos ter a vivência na escola, e não somente quando formados, possibilitando práticas outras, para além da vida acadêmica nas salas da universidade. É uma possibilidade de atuação dentro da escola enquanto formandos, futuros profissionais da educação.

Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa.¹

¹ Disponível no portal <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> acessado em 02/06/2018 às 16:20 (83) 3322.3222

O projeto *Cine Clube* foi iniciado em uma escola estadual de formação normalista, localizada no centro do Rio de Janeiro, no ano de 2014. A proposta inicial era permitir aos alunos a vivência do cinema, através de um cineclube, com exibição de produções audiovisuais – filmes de longa ou curta metragem, animação, clipes, entre outros – para suscitar um espaço de trocas e debates outros, com os alunos que neste momento, pertenciam às turmas de Ensino Médio de formação de professores no turno vespertino. O *Cine Clube* é a nossa forma diferente de fazer escola, uma oportunidade de discutir com os alunos, dando voz a sua fala. Desta forma, trata-se de um cineclube que se preocupa em estimular a criticidade e as discussões.

Apesar de termos avançado nos estudos sobre teorias curriculares, todo o sistema escolar é ainda muito voltado para o trabalho, para a formação de mão de obra para abastecimento do mercado. Silva (2013), afirma que no currículo tradicional, sua elaboração se restringia a uma atividade burocrática, descontextualizada e baseada na ideia de que o ensino tinha o professor no centro, que transmitia conhecimentos específicos aos alunos. Este pensamento permanece ainda em algumas escolas. Toda a comunidade escolar deve ser atuante no currículo, este por sua vez deve fazer parte de seus interesses e realidade. Esta visão passa por uma reformulação quando emergem as teorias curriculares críticas.

Se trabalho é tido como sinônimo de cidadania, como lidar com esta realidade diante do currículo que se apresenta hoje? A proposta do PIBID vai na contramão do currículo tradicional. A escola de ensino médio normal, visa a formação de professores e por vezes cai no discurso tecnicista, na preparação de profissionais prioritariamente para o mercado de trabalho.

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Neste suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua a consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito. (GADOTTI, 1996, p.84)

No ano de 2017, em cenário de votação dos representantes do grêmio estudantil e também de eleição da direção escolar, fomos surpreendidos pelo grêmio – atualmente eleito – com uma demanda emergente dos alunos do público da noite. Eles estavam muito desapontados por sentirem que a escola nunca teve um olhar diferente para eles, e queriam ter a oportunidade de ter atividades extras que fossem feitas para este público, que em sua maioria é formado por turmas de EJA.

O contato dos estudantes sensibilizou aos integrantes do projeto e também a nova direção escolar, e decidimos ter esta escuta atenta, pensando em um projeto voltado para estes alunos e suas necessidades. Afinal de contas, a realidade destes alunos, em nada se diferencia da realidade que enfrentamos na Universidade, como alunos do grupo noturno, em sua maioria formada por estudantes trabalhadores.

Sabemos que em muitas das vezes, as atividades não são pensadas nos estudantes trabalhadores, que não tem a possibilidade de fazer parte de uma programação no horário escolar – matutino e vespertino. Como não ter um olhar sensível, uma escuta sensível, para as necessidades destes alunos, que estão pedindo para ter oportunidades que nunca tiveram? Para Freire (2011) “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p.96). E a intervenção do mundo, também deve ser, intervenção das nossas práticas, buscando desenvolver uma escuta amorosa em nossas práticas pedagógicas. Nos aproximamos da realidade destes alunos, considerando suas condições de vida, e sensibilizados, defendemos a ideia da expansão do *Cine Clube* para o período da noite, junto a coordenação do PIBID. E a nossa luta surtiu efeitos. Conseguimos iniciar o trabalho no período noturno, atualmente ocorrendo com uma turma do público de EJA.

Metodologia

A metodologia adotada é a pesquisa etnográfica, isto é, através da imersão no ambiente ao qual atuamos, fazemos nossas ações e intervenções. Para tanto, o *Cine Clube* na EJA se propõe a apresentar um filme/debate semanalmente, bem como, realizamos reuniões de planejamento e de discussões (após as sessões). Os alunos, bem como o corpo docente e demais funcionários, são convidados a participarem das atividades e, também, a participarem da construção do *Cine Clube*.

Na escolha dos filmes, levamos em consideração que o pretendido filme deve expor um tema de relevância, que leve a(o) aluna(o) a refletir sobre sua conduta e hábitos, bem como, sobre sua realidade e formação. Nos dias das sessões no auditório, chegamos mais cedo para preparar o espaço, e é de costume do nosso cineclube a distribuição de sacos de pipoca para as(os) alunas(os). Depois da exibição do vídeo abrimos um diálogo com as(os) alunas(os) sobre o tema exposto no filme. A fala das(os) alunas(os) são diversificadas. É recorrente as(os) alunas(os) afirmarem que os temas tratados durante as exibições não são tratados em sala de aula e muitas vezes nem mesmo em suas residências. Alguns professores isolados tratam os temas transversais que propomos,

entretanto, o colégio como um todo, segundo as falas das(os) estudantes e nossas observações, não trata esses temas em suas práticas. Nós, do *Cine Clube*, como já indicamos, buscamos temas que toquem de maneira crítica em problemáticas incluídas no leque da política nacional e internacional, as relações de gênero e o racismo, a luta dos diversos movimentos feministas e as desigualdades diversas. Como nos afirma, Duarte (2010), o cinema é um aliado poderoso nesta prática, pois é, assim como a arte em geral,

pedagógico em si mesmo, e sua pedagogia está intimamente relacionada às escolhas técnicas e estéticas a partir das quais as obras cinematográficas são construídas. Acreditamos que, ao longo de sua história, a sétima arte assumiu – para seus criadores e para o público — distintas formas e dimensões políticas que vieram a desempenhar papéis educativos diferenciados na sociedade. Compreender a pedagogia própria do cinema (que se expressa no modo como são produzidos os significados), identificar os pressupostos que subsidiam as diferentes concepções cinematográficas e revisitar documentos e depoimentos de cineastas que inauguram movimentos e ou estilos são estratégias que implicam olhar o cinema por outro ângulo, levando em conta o impacto das escolhas técnicas e estéticas e a superação da dicotomia clássica entre o real e o ficcional. Pensar o cinema como arte é, nas palavras de Federico Fellini, percebê-lo como “um modo divino de contar a vida”. (DUARTE, 2010, p.36)

Após cada exibição abre-se espaço para debate com as(os) alunas(os). No *Cine Clube* os alunos sentem-se livres para tratarem os temas de forma descompromissada, uma vez que não existe qualquer tipo de avaliação, e esta postura de descompromisso permite a riqueza presente em cada fala nos debates. Deste modo, revela-se a importância de práticas curriculares outras que tragam ao ambiente escolar discussões e debates urgentes em nossa sociedade. Práticas estas que fomentem a formação de cidadãos críticos em sociedade perante as diversas desigualdades e preconceitos advindos de pensamentos e práticas coloniais que ainda permanecem, não somente no ambiente escolar, mas infelizmente, em nossa sociedade como um todo. Assim, como nos indica Miranda & Cavalcanti (2012), na nossa prática adotamos relações simétricas de poder na construção de saberes significativos concordantes com as histórias de vida dos estudantes, propomos um diálogo horizontal que desvaloriza as relações neocolonizadoras².

Nesta perspectiva de busca de mudanças para tal cenário, o projeto se apresenta como um lugar de ampliação do currículo, num espaço de construção de debates e falas outras. Ressignificando estruturas por intermédio do diálogo, do processo de escuta e de voz. Silva (2013) ao trazer as questões discutidas por Paulo Freire em relação ao currículo postula que, numa perspectiva de educação problematizadora,

²Neocolonialismo é o termo usado para denominar o processo de dominação política e econômica, pelas potências capitalistas ou ex-coloniais ocidentais.

[...] todos os sujeitos estão ativamente envolvidos no ato do conhecimento. O mundo - o objeto a ser conhecido - não é simplesmente “comunicado”; o ato pedagógico não consiste em simplesmente “comunicar o mundo”. Em vez disso, educador e educandos criam, dialógicamente, um conhecimento do mundo. (Silva, 2013, p.60)

Resultados e Discussão

Iniciamos nossa proposta sem conhecer o grupo ao qual atuaríamos. No entanto, a pedido da coordenação, deveríamos começar os encontros com uma proposta definida. Sabíamos que apresentar uma proposta de trabalho sem conhecer o grupo, não seria o ideal de acordo com as ideias freireanas, as quais defendemos. No entanto, pensamos em um planejamento e uma proposta inicial. A ideia era trabalhar a temática do uso das novas tecnologias, sobretudo o celular, pois já tínhamos um curta-metragem sobre o tema e tínhamos levado essa proposta para o *Cine Clube* no turno da tarde. Os alunos, muito interessados, apoiaram nossa discussão, gostaram do vídeo, colocaram suas ideias e a discussão foi entusiasmada, bem como, muito construtiva. Saímos da sessão muito animados com a receptividade dos alunos e continuamos com o planejamento, pois acreditávamos na ideia e os alunos tinham aceitado colocar em prática nossa proposta.

Na sessão seguinte, exibimos outro curta relacionado à temática inicial e abrimos uma roda de conversa, como de costume. Essa discussão foi tão significativa para nós, porque os alunos trouxeram tantos outros temas, que naquele momento despertavam mais interesse, e nós abrimos espaço para suas falas. Deixamos nosso planejamento de lado e simplesmente garantimos lugar para a fala que necessitava ser externalizada. Temáticas urgentes emergiram, como a questão da educação, a política brasileira e o trabalho. Logo após o encontro, nós, enquanto educadores em formação, nos reunimos e refletimos sobre a nossa prática. Identificamos a necessidade de mudar o planejamento previamente feito. “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (Freire, 2011, p. 40). E foi assim que agimos, repensando a nossa prática. Situamos os alunos no lugar de sujeitos formadores de currículo, aliás, de seu próprio currículo. Currículo este, mais significativo e mais próximo dos alunos, pensando em outras intercorrelações com os sujeitos. O uso do cinema, como linguagem, aproxima os alunos da proposta, com a sugestão de uma prática mais próxima de sua realidade, que tem a ver com suas vidas cotidianas. A partir deste fato, acreditamos que nossa prática estava sendo desenhada de acordo com a ótica metodológica adotada.

De fato, era necessário acolher aquelas falas e demandas que buscavam por esse espaço, por um espaço livre, sem julgamentos, que pudessem tratar de ideias e saberes adivinhados deles mesmos e de suas visões de mundo. Nossa proposta não se tratava de depositar conteúdos nos alunos e sim trazer a eles a possibilidade de se reconhecerem como construtores de saberes.

Uma das tarefas mais importantes da prática crítica-educativa é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (Freire, 2011, p. 42).

Assumindo esse gesto simples, porém muito valioso, falas tão significativas foram apresentadas, como do aluno V., que nos procurou e nos parou no meio do corredor para expor seu relato sobre o projeto. V. se mostrou muito grato por termos iniciado o *Cine Clube* no turno noturno, afirmando que na *Escola do Centro* não há espaço como o que o projeto tem proporcionado. Sua fala ainda sinaliza o quão importante é ter a possibilidade de uma fala livre que possam debater sobre temas pouco explorados e tão presentes em seu dia a dia.

Esse tempo de escuta foi tão importante e tão significativo para nós, que entendemos que foi o marco deste trabalho. Admitindo o lugar de uma educação democrática, não poderíamos tomar outra posição a não ser dar espaço para suas falas. “O espaço do educador democrático, que aprendi a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, não silenciado, fala” (Freire, 2011, p. 115). Desta forma, no encontro seguinte conversamos com o grupo, levamos a eles a nossa ideia de acolher aquelas demandas urgentes e finalizar de forma mais simples o trabalho iniciado antes. O grupo foi de total apoio. Assim, na sessão seguinte, exibimos o longa-metragem “Tempos modernos³” para tratar de questões relacionadas ao mundo do trabalho, tão presente e seus cotidianos.

O diálogo se apresentou como uma ferramenta essencial e fundamental durante todo o processo, seja o diálogo dos educadores com os alunos e vice-versa, seja o diálogo entre os próprios educadores. E essa é uma constante atitude nossa. No final de cada sessão, sentamos e conversamos sobre o que ocorreu, sobre como entendemos os acontecimentos, sobre o que sentimos e sobre futuras ações e atuações. “Uma das tarefas fundamentais do educador

³ Longa-metragem do cineasta Charlie Chaplin, exibido pela primeira vez em 1936 dos Estados Unidos. É considerado uma forte crítica ao capitalismo, fordismo e aos desdobramentos da Revolução Industrial.

progressista é, sensível a leitura e a releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto” (Freire, 2011, p. 80).

Somos gente falando com gente, assumindo que somos sujeitos inacabados enquanto mulheres e homens, entendemos que estamos, sobretudo, em constante processo de aprendizagem, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2011, p. 25). Esta máxima de Paulo Freire, para nós é suleadora⁴.

O conteúdo programático, desta maneira, delineou-se dentro de uma proposta construída em bases dialógicas. Onde, tanto educadores quanto educandos, são autores do processo de ensino-aprendizagem. Buscamos, com tais práticas, superar a contradição exposta por Freire (2005) na qual afirma

que a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.

Assim, temos, em nossa prática, procurado superar tal contradição, de forma que, educadores e educandos sejam sujeitos atuantes e reflexivos, tanto no espaço do *Cine Clube* como na vida. Dentro desta visão de educação problematizadora trazida por Freire, trouxemos como proposta que as reflexões acerca do filme, feitas em conjunto, (educandos com educadoras) fossem escritas. Fomos construindo, através do compartilhamento de ideias a respeito das semelhanças, relações e olhares individuais sobre as cenas do filme, buscando questões análogas as condições de nossas vidas como estudantes trabalhadoras/es.

O intuito era suscitar indagações e perspectivas à respeito do tema gerador, em que os educandos pudessem refletir, criticamente, sobre suas relações com o mundo, no caso, mais especificamente, o mundo do trabalho. Entendendo que "a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham" (Freire, 2005), como exemplo disto, em um dos textos reflexivos produzidos, há as seguintes considerações feitas pelo estudante O. da turma EJA 3:

"O patrão é o único que tem direito ao ócio criativo."

"O egocentrismo torna o patrão um ditador, que só se importa em cobrar a fim de satisfazer suas necessidades mesmo que a qualquer custo."

⁴ Termo proposto por Paulo Freire em “Pedagogia da Esperança” (1992) em substituição do termo norteador, com o objetivo de propor uma crítica à colonialidade presente em várias formas de dominação de saber e de poder, contextualizando assim o hemisfério sul como orientador espacial de ideias e práticas ensinadas.

"O trabalhador não é visto como ser humano."

"Se faz fortuna tornando as pessoas reféns de suas necessidades."

Já a estudante A., da mesma turma, ressalta que

"Já naquele tempo mostrava que as pessoas tinham que dá muito lucro a seus patrões, e sem ter direito do seu descanso merecido. Os donos das empresas só pensam em dinheiro, e não no bem-estar dos seus empregados para eles o que importa é que façam seu trabalho sem reclamar os seus direitos, só com seus deveres. Agora com esta nova lei que está por vir o negócio só vai piorar. Tiraram todos os nossos direitos que conseguimos durante todos estes anos, e não vai restar nada." (A. falava aqui sobre a votação da Reforma Trabalhista durante o governo Temer)

Por meio destas reflexões dos educandos tivemos a possibilidade de contemplar, em nossa prática, movimentos para a construção de uma consciência crítica advinda dos educandos sobre sua realidade no mundo, sobre suas vivências. Um olhar crítico sobre o que vivem diariamente e que por muitas vezes acabam naturalizando. Um processo de naturalização das opressões cotidianas. Por isso, faz-se sumariamente importante que tenhamos como princípio de nossos passos como educadoras/es que “[...]a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2005, p. 77).

Conclusões

Esperamos que a experiência com a linguagem cinematográfica e os diversos temas discutidos e explorados, através da mesma, possam suscitar questões que possibilitem uma formação crítica e emancipatória dos sujeitos da EJA. Entendemos que tal linguagem é de suma importância em um espaço onde práticas curriculares outras são emergentes. É um lugar de ampliação e transformação das estruturas do currículo. Desta forma, acreditamos que a criação de um espaço de diálogo entre a cultura cinéfila e a educação seja uma importante ferramenta na construção da consciência crítica dos estudantes. Em nossas vivências observamos que o projeto teve grande aceitação, além de um impacto na forma da compreensão crítica do espaço escolar pelos próprios estudantes, como indicam as falas dos mesmos ao afirmarem que na *Escola do Centro* não havia espaço de fala livre onde pudessem debater temas pouco explorados e tão presentes em seu dia a dia. Algo que entendemos ser resultado das características do projeto de viabilizar

um espaço de livre debate que valoriza a fala do aluno e a coloca como protagonista, primordial na construção e direcionamento das ações vivenciadas no projeto.

Vale acrescentar ainda, que em 08/02/2018 o Fórum Nacional dos Coordenadores Institucionais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (FORPIBID) comunicou que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) decidiu não prorrogar as bolsas concedidas no último edital (2013). Sendo assim, o formato de PIBID apresentado neste artigo não poderá ser mais visto nas escolas. Esta atitude gerará impactos em nossas escolas e universidades e nós, enquanto apoiadoras do programa, entendemos esta escrita como uma forma de luta e resistência diante aos posicionamentos do poder público em relação a educação nacional.

Referência bibliográfica

DUARTE, R. M.; TAVARES, M. T. *A dimensão político/educativa das opções estéticas nos manifestos fundadores do cinema como arte*. Revista Contemporânea de Educação, v. 5, p. 24-38, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

MIRANDA, C. CAVALCANTI, E. C. *Mediações didáticas interculturais, pluriversidade e formação docente em uma escola de Ensino Médio no Rio De Janeiro*. In. Anais do XVI ENDIPE. Campinas, 2012.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.